

[Notícia anterior](#)[Próxima notícia](#)

16 mar 2017 | O Globo | ANA LUCIA AZEVEDO ala@oglobo.com.br

# 'É uma irresponsabilidade das autoridades', diz especialista

## Virologista observa que não faltou aviso sobre riscos para o Rio

*"A morte em Casimiro de Abreu infelizmente concretiza a crônica da morte anunciada" Maurício Nogueira Virologista*

Aviso não faltou, destacam especialistas em febre amarela. A morte em Casimiro de Abreu não causou surpresa, pois quando os primeiros casos em Minas Gerais vieram a público, em janeiro, o Rio foi considerado um dos estados mais vulneráveis: a maioria de sua população não está vacinada, há muitas áreas de mata e mosquitos de sobra. Historicamente, o Rio foi o estado mais castigado pela febre amarela. Porém, o estado nunca fez parte das áreas de recomendação do Ministério da Saúde. E os bloqueios iniciados no fim de janeiro cobriram uma pequena área do território fluminense.

O presidente da Sociedade Brasileira de Virologia, Maurício Lacerda Nogueira, não esconde a indignação:

— A morte em Casimiro de Abreu infelizmente concretiza a crônica de uma morte anunciada. Não existe justificativa decente para ela. Não faltou alerta aos governos estadual e federal de que tinham que ter começado a vacinar há mais tempo. A doença chegou ao ponto que dissemos que iria chegar. A vacinação não foi feita a tempo. É uma irresponsabilidade tremenda das autoridades morrer gente de febre amarela a essa altura do surto. Estamos em março — disse Nogueira, especialista em febre amarela e professor da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto (SP).

Nogueira esteve à frente da estratégia de vacinação em São José do Rio Preto, onde hoje 95% dos moradores são vacinados. Macacos morrem na região, mas os casos em seres humanos são de pessoas que chegam de outros lugares. Ele acha que é mais do que necessário vacinar logo, mas não acredita que haverá vacina sem fracionamento de doses. Nogueira salienta que o problema do Brasil não é falta de capacidade técnica. Segundo ele, falta empenho político para combater doenças como dengue e febre amarela:

— Quantas doses o Brasil tem? Não sabemos. O Ministério da Saúde diz que é assunto de segurança nacional. Mas a informação, na verdade, é de interesse público. Se vai ser preciso fracionar, precisa ser preparado já. Tem logística complexa. Não é só sair dividindo dose.

As únicas coisas que tranquilizam o sanitarista Roberto Medronho, diretor da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e especialista em vigilância epidemiológica, são as condições climáticas mais favoráveis e o fato de a campanha de vacinação ter se tornado uma prioridade. Medronho explica que, graças ao próprio ciclo da doença — que costuma emergir na estação chuvosa, se expandir no verão e declinar no outono —, a esperança é que a febre amarela silvestre não se espalhe pelo Rio. O fator preponderante para conter casos, porém, é a vacina.

— As condições climáticas mais secas têm nos ajudado com a dengue, a zika e a chicungunha porque não favorecem os mosquitos. Esperamos que, com a febre amarela, aconteça a mesma coisa. Mas precisamos ter em mente que o que vemos é a ponta do iceberg de casos. Os casos brandos e assintomáticos, que são a maioria na febre amarela, podem passar despercebidos. Preocupa tanto a rede pública, que é tecnicamente mais capacitada para essa doença, mas está sem recursos, quanto a privada, que, no caso da dengue, já deixou evidente falhas no diagnóstico dos pacientes — observa.

Ele diz que, para garantir o controle da doença, a campanha de vacinação tem que ser mantida à risca:

— É preciso vacinar a população do estado até o verão. Só assim poderemos ter tranquilidade. Não é preciso correria agora. Ao que tudo indica, há poucos casos. Mas temo que, se a estratégia da vacinação não for muito bem feita, a gente veja no Rio de Janeiro uma Revolta da Vacina às avessas. Em 1904, a população se revoltou porque não queria se vacinar. Agora, pode acontecer pela falta de vacina.

Um dos primeiros a insistir na vacinação do Rio ainda em janeiro, o infectologista Luiz Tadeu Figueiredo, professor titular de Doenças Infecciosas e Tropicais e coordenador do Centro de Pesquisa em Virologia na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da USP, não vê tempo a perder:

— O Rio de Janeiro já começou tarde. Mas antes tarde do que nunca.

Impresso e distribuído por NewspaperDirect | www.newspaperdirect.com, EUA/Can: 1.877.980.4040, Intern: 800.6364.6364 | Copyright protegido pelas leis vigentes.

[Notícia anterior](#)[Próxima notícia](#)